



Do contexto pandêmico à mudança de paradigma pastoral catequética

From the pandemic context to the catechetical pastoral paradigm change

*José Aguiar Nobre**
PUC-SP

*Elizeu da Conceição***
UPS-Roma

Recebido em: 05/02/2022. Aceito em: 14/03/2022.

Resumo: *Este artigo, fruto de pesquisa bibliográfica, “garimpada”, principalmente, do Magistério do Papa Francisco, busca apresentar a catequese como modelo fundamental em que a Igreja se revela como eficiente e relevante no seu papel de evangelização. A questão como possibilitar uma catequese que realmente evangelize os povos? nos ajuda a abordar os desafios contemporâneos do anúncio da Boa Nova ao ser humano moderno. Com as orientações e os exemplos do Papa Francisco e levando em consideração as realidades híbridas com suas consequências para a atuação eclesial, entendemos que é necessário*

* Pós-doutorado em Filosofia (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, UFPR, 2019). Pós-doutorado em Educação (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas, Campinas, SP, 2019). Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, PUC-RJ, 2017). Doutorando em Filosofia (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, UFPR). Mestre em Educação (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas, Campinas, SP, 2012). Graduado em Pedagogia (Claretiano Centro Universitário, Claretiano/BAT, 2019). Graduação em Teologia (Escola de Ensino Superior Fabra, FABRA, 2018). Graduado em Teologia (Instituto São Paulo de Estudos Superiores, ITESP, São Paulo, SP, 2007). Licenciado em Filosofia (Centro Universitário Assunção, UNIFAI, 2008). Graduado em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas, Campinas, SP, 2002). Docente da Faculdade de Teologia da PUC-SP, na Graduação e Pós-Graduação, além de coordenador na graduação.

E-mail: nobre.jose@gmail.com.

** Doutor em Teologia Pastoral (Università Pontificia Salesiana, UPS, Roma, 2020). Mestre em Teologia (Università Pontificia Salesiana, UPS, Roma, com especialização em Pastoral Juvenil, 2017). Bacharel em Teologia (Instituto São Paulo de Estudos Superiores, ITESP, São Paulo, SP, 2008). Bacharel em Filosofia (Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas, Campinas, SP, 2003).

E-mail: p.elizeudaconceicao@gmail.com.



fazer uma saudável travessia catequética: da instrução à interação humanizada. Ao final, conclui-se que toda ação catequética deve levar em consideração o bem de todo ser humano, para, então, formar discípulos-missionários com o devido cuidado com a Casa Comum.

Palavras-chave. *Catequese. New Media. Novo paradigma. Pandemia. Papa Francisco.*

Abstract: *This article, the result of bibliographic research, “mined”, mainly, from the Magisterium of Pope Francis, seeks to present catechesis as a fundamental model in which the Church reveals itself as efficient and relevant in its role of evangelization. The question how to make possible a catechesis that really evangelizes peoples? helps us to address the contemporary challenges of announcing the Good News to modern human beings. With the guidelines and examples of Pope Francis and taking into account the hybrid realities with their consequences for ecclesial action, we understand that it is necessary to make a healthy catechetical journey: from instruction to humanizing interaction. In the end, it is concluded that every catechetical action must take into account the good of every human being, in order to form missionary disciples with due care for the Common Home.*

Keywords. *Catechism. New Media. New paradigm. Pandemic. Pope Francis.*

Introdução

A dinâmica existencial exige uma contínua reconstrução das experiências culturais já existentes. De fato, povos, sociedades, civilizações e culturas, vivem se organizando em torno de tradições construídas ou desconstruídas, buscando práticas contínuas de atualização do sentido de sua existência. Tal busca, revela ao humano a sua possível abertura ao mistério da transcendência. Devido às profundas e aceleradas transformações ocorridas nos últimos séculos e, excepcionalmente, a recente e rápida mudança do paradigma sociocultural, causada pela pandemia do *coronavírus*, tornam ainda mais desafiadoras as práticas do anúncio evangélico.

Para o itinerário da presente pesquisa, nos indagamos: como possibilitar uma catequese em que realmente a Igreja possa ser eficiente e relevante no seu papel de evangelizar os povos? Para desenvolvermos esta questão, escolhemos quatro passos que consideramos importantes: (i) o pontificado do Papa Francisco e a Catequese; (ii) comunicar o Evangelho com eficiência em uma sociedade digitalizada; (iii) passar da instrução à interação catequética; (iv) chegar à alegria da acolhida do Mistério revelado.



Entendemos que ao observar este itinerário, tenhamos, por parte dos crentes, a acolhida alegre da mensagem revelada. Dessa maneira esperamos que, sem medo de anunciar a experiência do encontro com Deus, possamos caminhar em direção à comunicação de uma fé que seja inteligível, crível e adequada ao nosso tempo.

1 O pontificado do Papa Francisco e a catequese

No dia 25 de dezembro de 1961, há 60 anos, um sábio homem, natural de Bérgamo, Itália, Angelo Roncalli (Papa João XXIII) convocava a Igreja para o Concílio Vaticano II. Com a bula papal *Humanae salutis*, ele escancarou as portas de uma Igreja resistente ao sopro do Espírito Santo e deu início à passagem de um estilo catequético já cristalizado para uma renovada forma de anunciar o Evangelho. A partir de então começa-se na Igreja um processo de compreensão da missão catequética, que vai da adoção de um método da instrução inquestionável para o da interação e interlocução contínuas. É nesse espírito processual que procuramos, então, entender essa passagem que continua em andamento com passos tateantes, dentro de um contexto eclesial, eivado em crises.

Sabemos que o atual momento é marcado não só pelo tempo pandêmico, que rompe e desafia a todos os planejamentos de evangelização, mas também pelas inúmeras crises que afetam a Igreja e a enche de preocupações. Hoje, iluminando o tempo de pandemia com a fé, o Papa Francisco, abraçando o ideal catequético despertado pelo Vaticano II, oferece elementos profundos de reconhecimento e de valorização da figura do catequista. Ele aproveita todas as oportunidades para evangelizar sem cessar. Como o pedido paulino de orar sem cessar (1Ts 5,17), Francisco interpela a Igreja a catequizar sem cessar.

Em 13 de julho de 2021, enquanto ele se recuperava de uma cirurgia no cólon, fez uma visita na ala de crianças com câncer, situada no Hospital Agostino Gemelli¹. A postura do Papa Francisco eclode como um legado sem precedentes e nos dá um verdadeiro testamento de evangelização catequizadora. O que move tanto o Papa que mesmo em período de convalescência não mede esforços para evangelizar, catequizar? Ele poderia muito bem se valer do seu direito de repouso e não ir ao encontro

¹ *ISTO É*. Papa Francisco visita ala de crianças com câncer em hospital de Roma. Disponível em: <https://istoe.com.br/papa-visita-ala-de-criancas-com-cancer-em-hospital-de-roma/>. Acesso em: 10 dez. 2021.



de ninguém. Mas notamos que a sua genuína experiência de Deus não o deixa inerte. Valendo-se de um despertar para a cultura do encontro, o pontífice distribui empatia e esperança. Entendemos que nisso constitui a forma mais eficiente de catequese para o tempo presente: estar com as pessoas e, no ato de proximidade, distribuir bênçãos, ensinamentos, esperança, fé e caridade. Vejamos que é uma tarefa de todos os batizados e não apenas de um ministro ordenado. Isso é preciso entender dos gestos de Francisco. Ele deixa entrever, que, mediante as virtudes teológicas: fé, esperança e caridade, a catequese começa o seu renascimento no meio de um mundo em crises.

Vale ressaltar que os tempos difíceis são os mais oportunos e precisamos aproveitar as dificuldades do presente para que sejamos distribuidores das graças de Deus pois todos os dias a recebemos do Senhor Jesus. É desse modo que – , mediante a esperança que eclode de um processo contínuo de evangelização – , é que poderemos ser capazes de reestabelecer a confiança em Deus que é todo amoroso e nos cria também amorosamente a fim de possibilitar a nossa plena realização.

Com o Magistério de Francisco, observamos uma mudança de paradigma catequético de que os tempos atuais tanto necessita. O paradigma catequético trazido à tona pelo Bispo de Roma, certamente levará, no mínimo uma década para que cheguemos à compreensão eclesial de que tanto necessitamos. É próprio dos seres humanos à frente do seu tempo, visualizarem os mistérios divinos eclodindo nos tempos de Deus. Por isso, observamos que um caminho a ser trilhado está às vistas com as várias iniciativas de Francisco. Ele procura desencadear processo e somos desafiados a captar essa sua mensagem, às vezes subliminar, muitas vezes desveladas, sobre a urgência de catequizar de forma simples, alegre, ousada e criativa. E é assim que o paradigma catequético próprio do Magistério da Igreja vem sendo implementado, de forma inovadora com o método adotado no Magistério do Papa Francisco.

De modo evidente e inesperado, a proposta evangelizadora do “Papa do fim do mundo”, vem sendo trilhada, mas se faz necessário o despertar de uma cultura da sinodalidade e de uma eclesiologia de comunhão e de amor que brotam diretamente do ensinamento evangélico, para que o mudo secular possa captar a vocação evangelizadora da Igreja. “Se vos amardes uns aos outros, todos reconhecerão que sois os meus discípulos” (Jo13,35).



A proposta evangelizadora do Papa Francisco nos possibilita ver os caminhos da evangelização sendo trilhados, apontados na direção do profetismo de Jesus, portanto, é provocadora. Não é ato que sofre resistências como sofreu o próprio Jesus: “Quando ouviram estas palavras de Jesus, todos na sinagoga ficaram furiosos. Levantaram-se e o expulsaram da cidade. [...] Jesus, porém, passando pelo meio deles, continuou o seu caminho” (Lc 4,28-29a.30). Assim como Francisco, que segue firme na sua missão apaixonante e comprometida a exemplo de Jesus, todos os batizados somos desafiados a catequizar com a mesma firmeza. Restamos, pois, a sincera acolhida e o compromisso aberto na mesma direção atentos ao sopro do Espírito Santo. Se trata de uma proposta que traz elementos ricos para os conteúdos a serem partilhados nesta sociedade, hoje, reconfigurada pelas mídias digitais.

A dimensão catequética da vida eclesial procura fazer com que os leigos se tornem sal da terra e luz do mundo (DGC, n.17). O desejo de Francisco é que, na prática, a presença dos cristãos possa garantir que a misericórdia divina seja permeada e garantida na face da terra.

A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai. Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma onde houver cristãos – qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia (MV, n. 12).

Observamos que a força dessa expressão de que onde estiver presente um cristão aí deverá ser garantida a misericórdia de Deus é de uma grandeza sem tamanho. Captar o espírito deste desejo e colocá-lo na prática eclesial se torna um grande desafio catequético e testemunhal para a vida de cada cristão e, conseqüentemente, para a Igreja. A dimensão da catequese que se transforma em testemunho do sujeito convocado se torna essencial para que possamos permanecer fiéis ao compromisso de ajudar as pessoas e as comunidades a se apropriarem da fé em Jesus Cristo.

Percebemos que, se quisermos que a catequese permaneça em um alto nível de eficácia, na educação humana e cristã das novas gerações, será necessário escutar a sociedade hodierna, de forma verdadeira e com abertura para adotarmos as suas sugestões e demandas. O processo de escuta proposto pela Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe e pelo Sínodo dos Bispos, já constitui o primeiro passo para um



possível caminho e norte a que a catequese deverá adotar e vivenciar. Somos chamados, pois, não somente a nos interrogarmos em muitas questões, como também permitirmos ser interrogados num novo estilo evangelizador. Assim, se faz necessário, individualizar modalidades mais idôneas do modo como vivemos e marcamos presença no mundo atual.

2 Comunicar o Evangelho com eficiência em uma sociedade digitalizada

No Evangelho de Lucas encontramos este ensinamento de Jesus às multidões “Quando vocês veem uma nuvem aparecer onde o sol se põe, dizem logo: aí vem chuva. E assim acontece. Quando sopra o vento do sul, vocês dizem: vai fazer calor e assim acontece” (Lc 12,54-55). Deste texto, podemos falar do conhecimento do ser humano em relação aos sinais que a natureza apresenta. Por outro lado, parece que ainda não nos inserimos nas palavras mais duras de Jesus, que adverte: “Hipócritas! Vocês sabem interpretar a aparência da terra e do céu. Como é que não sabem interpretar o tempo presente?” (Lc 12,56). O grande desafio é, então, interpretar os sinais que o tempo presente nos apresenta também para a catequese. Partimos da concepção de que a realidade digital, na qual estão inseridos milhões de pessoas, é um sinal dos tempos².

Mais do que nunca, é necessário saber ler os sinais dos tempos atuais para sermos capazes de trilhar um percurso educativo de fé que seja inteligível, significativo e atualizado. Com o tempo pandêmico, as interações e comunicações foram intensificadas pelos meios digitais, de modo que a presença quase capilar das mídias digitais se tornou um indicador de sinal dos tempos e por que não dizer um lugar teológico? Nelas se confluem as convivências: social, a formação escolar, os encontros pastorais, a convivência familiar e até mesmo a celebração eucarística, pois tantas são as pessoas que se alimentam da Palavra nas celebrações

² Os sinais dos tempos são um modo característico e qualificador de interpretar certos acontecimentos históricos intraeclesiais e extraeclesiais à luz da fé. O “olhar da fé” faz parte do discurso relevante, mas centrado não tanto na vida cotidiana, mas em acontecimentos frequentes e generalizados. A fórmula dos “sinais dos tempos” aparece como categoria coadjuvante na encíclica *Pacem in terris* do Papa João XXIII. É introduzida nos atos iniciais do Vaticano II e se impõe com força crescente no fluir das problemáticas conciliares. É tomada como categoria fundamental especialmente na constituição *Gaudium et spes*, em que é tematizada, ainda que não em forma sistemática. Torna-se, mais tarde, própria de Paulo VI na *Ecclesiam suam*, e é, enfim, tornada de uso corrente na linguagem teológica-pastoral. (MIDALI, Mario. *Segni dei tempi in Dizionario di Pastorale giovanile*. Leumann: Editrice Elle Di Ci, 1992. p. 977)



online. Curiosamente, algumas famílias certificam e verbalizam que nunca tiveram tanto espaço para a Palavra de Deus nas famílias como na atual modalidade de encontros e celebrações transmitidas pelas redes sociais. Sem a internet, seria impossível acompanhar toda essa gama de relações, na qual estamos inseridos. Contudo, percebemos o grande desafio de comunicar o Evangelho nesta sociedade digitalizada, já que o Evangelho não se resume às palavras de um livro que devem ser transmitidos para o conhecimento intelectual. Acrescenta a esta realidade digital o fato de que muitas pessoas seguem aquele pregador que não está vivendo no seu contexto e normalmente gera confusões nas pessoas, quando essas pegam os ensinamentos vindos desses meios como única verdade.

O Evangelho reivindica relações pessoais de qualidade e presenciais. Argumentamos que a qualidade da nossa relação com Deus se evidencia na qualidade das nossas relações fraternas. Para tanto, vale lembrar que a catequese atual exige que o Evangelho seja experimentado também em um continente digital, sem substituir o contato humano e fraterno no qual a amizade social é fomentada.

Em concordância com Hannah Arendt, podemos afirmar que passamos atualmente, por tempos sombrios. Os tempos sombrios “não só não são novos, como não constituem uma raridade na história.” (ARENDR, 2008, p. 9) e as ameaças da guerra presente entre Rússia e Ucrânia reacendem hoje o terror de tempos sombrios. De tempos em tempos, a realidade sombria cobre os horizontes humanos, dificultando a visualização de luzes em âmbitos sociais e eclesiais. No entanto, surgem “alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, (que) farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra” (ARENDR, 2008, p. 9), a luz da esperança com uma catequese viva. São pessoas que nos ajudam a ler os sinais dos tempos e que não se esquivam das novas tecnologias e avanços científicos. De modo competente e perspicazes, procuram entender os benefícios, bem como, os malefícios que esses meios carregam consigo a fim de melhor orientar as pessoas para a busca da vida plena (Jo 10,10).

Nos últimos anos, a catequese sente a urgência de recuperar a harmonia das linguagens da fé, ou seja, os diversos modos humanos de “dizer Deus”. Passando de uma linguagem instrutiva a uma linguagem interacional, ou melhor, de uma racionalidade a uma perspectiva simbólica que introduz o ser humano na inteira gama das linguagens humanas e da fé. Entre as linguagens recorrentes, é impossível desconsiderar



aquelas produzidas ou vinculadas através das *new media*. Vale ressaltar que “não se pode iludir que a linguagem da fé exista por si mesma e separadamente da linguagem das mídias e que esta, deva curvar-se à autoridade da primeira.” (BIEMMI; BIANCARDI, 2013, p. 65).

Sabemos que há o risco de se pensar hoje que todo processo catequético possa realizar-se através das mídias sociais, ou seja, na interação entre o emissor e o destinatário mediante a “prótese digital” para as relações humanas. O que não deve ser desconsiderado é que ambos são dependentes da mensagem que transforma.

O fato é que não será mais possível e nem inteligente desperdiçar o aprendizado que as mídias trouxeram para a eclesiologia e a catequese em geral. Há um grande desafio para que sejamos ousados no bom proveito das tecnologias a favor da evangelização pois que as pessoas passam mais tempo no meio digital atualmente, e, este deverá ser uma ferramenta que possa fazer chegar a todos, e de modo privilegiado, a mensagem da Boa Notícia. O contraponto para um mundo eivado de falsas notícias, as mídias digitais também estão receptivas ao desafio de novas participações da mensagem revelada, bastam a perspicácia e a criatividade civilizadas serem iluminadas pela fé advinda da força do Espírito Santo de Deus e da oração.

Em diversas páginas da internet se encontra um vasto conteúdo religioso. Centenas de milhares de pessoas se manifestam através de mensagens produzidas ou compartilhadas que são de cunho religioso. Mas cabe indagar: será suficiente publicar textos que falam de Deus para dizer que se está evangelizando? Qual é o critério que determina se um conteúdo evangeliza ou não? Os textos mais lidos na internet, são os textos mais relevantes para a catequese? Será que indagamos como os “gurus” da internet vivem no seu dia a dia? Quem os financiam e dão suporte? Com quais objetivos os financiam? A serviço de quais interesses evangelizam? Estão os cristãos aptos para fazerem discernimentos à luz de uma genuína *práxis* cristã?

As questões se projetam infinitamente pelo simples fato de que há uma acentuada concepção de Deus nas diferentes correntes religiosas. Há, por um lado, aqueles que assimilam e experimentam um Deus amoroso e aliado do ser humano. Um Deus que chama aos humanos para participarem da sua vida e os cria por puro amor, em vista de sua plena realização. E, por outro lado, há também aqueles que ainda preferem um Deus que mete medo, um Deus carrasco e sobre este Deus eles montam



as suas pregações e práticas devocionais. Isso é preciso que entendamos, inclusive como gesto de honestidade intelectual, e assumirmos o genuíno anúncio do Evangelho que abraçamos e anunciamos: “Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos em Jesus” (Lc 4,20b).

Se o questionamento nos leva a pensar que não vale a pena investir nas mídias sociais como veículo de conteúdo e de presença significativa, nos enganamos. A esse respeito, já o Papa Bento XVI insistia com a importância de estarmos nas redes digitais, mas com um estilo que faça transparecer o ser “cristão”.

Existe um estilo cristão de presença também no mundo digital: traduz-se numa forma de comunicação honesta e aberta, responsável e respeitadora do outro. Comunicar o Evangelho através das novas mídias significa não só inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios, mas também testemunhar com coerência, no próprio perfil digital e no modo de comunicar; escolhas, preferências, juízos que sejam profundamente coerentes com o Evangelho, mesmo quando não se fala explicitamente dele. Aliás, também no mundo digital, não pode haver anúncio de uma mensagem sem um testemunho coerente por parte de quem anuncia (BENTO XVI, 2011).

Por isso mesmo é imprescindível que sigamos apenas Jesus Cristo e a sua mensagem. Contudo, se faz mister observar o estilo de vida das pessoas que emitem as mensagens e com as quais nos identificamos. Se há uma dissonância prática entre aquilo que ela fala e o que pratica, aí está um bom motivo para fazer discernimento sobre a seriedade da mensagem que ela transmite. Se há uma mensagem purificada e ou dissimulada. Já que estamos refletindo sobre a seara digital, recordemos um exemplo bem simples: quantas pessoas perguntam se você está bem, mas nem sequer visualiza a resposta? Basta observamos que existem muitas destas. É claro que são pessoas necessitadas de orações e de evolução na dimensão da Verdade do Evangelho. Sem emitir juízo de valores, é possível observar que, pela sua própria indiferença na comunicação, pensam que enganam aos demais, quando, na verdade estão enganando a si próprias. Outro exemplo simples, ao recordarmos a realidade da juventude e as suas paixões: por que correm atrás das pessoas que lhes roubaram o coração sem dar satisfação para quem realmente está ao seu lado? Claro que necessitamos do “coração de volta” para continuarmos sobrevivendo, mas é bom recordarmos que o coração é sempre capaz de se reinventar e se regenerar, por isso a serenidade e confiança no



Deus da Vida se faz necessária. Desse modo somos carentes de uma boa instrução de fé, para que saibamos dar ao mundo um olhar de filhos de Deus e sermos capazes, então, de fazermos uma saudável travessia da instrução à interação humanizadora, advinda da confiança que brota da Palavra iluminadora de Deus.

3 Da instrução à interação

Entendemos que é extremamente necessária a transformação de mentalidades que influenciarão na transformação da “rede como um lugar de ‘conexão’ a um lugar de ‘comunhão’ e a não identificar conexão com ‘encontro’” (SIBOLDI, 2015, p. 104) já que encontro é algo mais profundo e comprometedor. A cultura do encontro se torna um imperativo para os tempos hodiernos marcados pela ditadura do relativismo, da indiferença e do descarte humano.

Nos preocupamos com as novas gerações, que estão mais inseridas nos meios digitais, e em tempos de relações virtuais entendemos que é necessário pensarmos e refletirmos no novo estilo de ser jovem hoje. O que aparece ser relevante para uma genuína prática cristã na contemporaneidade? Com o nascimento e a difusão da internet, as relações se transformaram completamente. Há a forte constatação de que o mundo se esfacelou, se desmaterializou. Os algoritmos invadiram a existência humana. Basta um clique para se iniciar uma relação e um clique para ela ser cancelada ou bloqueada, descartada. Não importa se a sinceridade do envolvimento afetivo se deu na mesma velocidade com que se encontraram. O fato é que as dores são reais e deletérias as consequências, na sua grande maioria.

A vida já não é mais possível fora da internet e dos comandos digitais e isso não é de tudo ruim. É apenas necessário que desenvolvamos uma capacidade de discernimento para que a dimensão humana não fique robotizada. Isso é importante dizer, pois a essência humana é ser de origem divina, e esta origem nos põe em movimento, em fraternidade. Vale dizer que a geração dos Nativos Digitais não aprendeu a usar a internet, mas nasceu dentro da rede digital, e, assim, é motivada, influenciada, protagonista de um ambiente híbrido. É a geração 2.0.³ É a geração na

³ “Você os vê em toda parte. A garota adolescente com o iPod, sentada à sua frente no metrô, digitando freneticamente mensagens em seu telefone celular. O inteligente garoto estagiário de verão do seu escritório, a quem você pede ajuda quando o seu



qual o “ambiente digital não é um mundo paralelo o puramente virtual, mas é parte da realidade cotidiana” (BENTO XVI, 2012). Tomar consciência dessa realidade e saber interagir com ela é condição para que possamos partilhar as nossas experiências místicas e de fé. Além de que é mediante as plataformas digitais que eles terão maneiras de trabalhar não só para tirarem os seus sustentos, mas também para fazerem circular as suas experiências divinas, porque genuinamente humanas.

Com a mudança e evolução tecnológica, a internet passou da Web 1.0 à Web 2.0. A primeira forma era caracterizada como portal de informações, com páginas estáticas semelhantes a uma revista *online*. A mudança foi radical e no modelo 2.0 já se estabeleceu em um novo modo de viver a rede de alta interação com os sites, com as pessoas do mundo inteiro, podendo expressar e divulgar as ideias pessoais de forma fácil e rápida. Essa mudança na rede influenciou o modo relacional e comportamental da juventude, a ponto de fazer com que esse grupo se identificasse completamente com a internet. Ela é tão essencial para o seu existir assim como o oxigênio o é para a sua sobrevivência. Sendo assim, não tem como vivermos hoje pensando na possibilidade de existirmos sem este mecanismo. Por nascer e crescer na mesma época que nasceu e se desenvolveu a Web 2.0, esta geração passou a ser conhecida como Geração 2.0. Já estamos ouvindo falar na Web 3.0 e 4.0 ou “Web simbiótica”, que fortalece a interação e uso constante entre máquinas e humanos. É nesse mundo que a Boa Notícia do Evangelho também merece ter o seu espaço, pois aí estão também os filhos muito amados de Deus. A eles também Ele não quer perder pois Ele não quer que ninguém se perca (cf. Jo 6,39). Ele veio não para julgar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele (cf. Jo 12,47). Sendo assim, os nativos digitais são por Ele muito amados e escolhidos em Jesus (Lc 9,35).

Embora, ocorram, de modo mais acentuado a esta geração, entendemos que as mudanças sociais são sempre necessárias e atingem a todos para as quais devemos estar abertos sempre. Elas fazem parte da lógica das transformações da vida e da sociedade, as quais passam pelos conflitos de gerações. Conflitos esses a que somos desafiados a superamos. Os idosos não entendem os jovens e vice-versa, mas isso

programa cliente de e-mail falha. A garota de 8 anos que consegue bater você em qualquer videogame – e também digita muito mais rápido do que você. Até a sua sobrinha recém-nascida em Londres, que você ainda não conheceu, mas a quem já está ligado devido à série de fotos digitais que chegam toda semana. Todos eles são Nativos Digitais.” (PALFREY; GASSER, 2011, 11).



não é uma novidade, contudo somos desafiados a manter a sintonia e convivermos no mesmo espaço. Pois, os sonhos dos idosos são úteis para que os jovens possam colocá-los em prática. Os sonhos dos idosos com as visões dos jovens possibilitam a novidade da vida. É tarefa dos idosos sonharem e dos jovens espalharem os seus sonhos.

Uma vez o profeta Joel pronunciou esta promessa: “Os vossos anciãos terão sonhos e os jovens terão visões” (3,1). O futuro do mundo está nesta aliança entre os jovens e os idosos. Quem, senão os jovens, pode agarrar os sonhos dos idosos e levá-los por diante? Mas, para isso, é necessário continuar a sonhar: nos nossos sonhos de justiça, de paz, de solidariedade reside a possibilidade de os nossos jovens terem novas visões e, juntos, construirmos o futuro. É preciso que testemunhes, também tu, a possibilidade de se sair renovado duma experiência dolorosa. E tenho a certeza de que não será a única, pois, na tua vida, terás tido tantas e sempre conseguiste triunfar delas. E, dessa experiência que tens, aprende como sair da provação atual (FRANCISCO, 2021).

O mundo hodierno perde muito quando alimenta o conflito das gerações. As mudanças surgem, necessariamente e elas não são más, são inevitáveis pois obedecem ao dinamismo da belíssima história da salvação na qual tudo está interligado. De tal modo que é necessário salientar e defender que, geralmente, os nativos digitais não estão interessados em conflitos geracionais, mas visando ao crescimento sociocultural. Pode ser, que em alguns contextos, isso acontece sem que se deem conta.

É comum acreditarmos que o grande interesse da nova geração é estar em contato com os amigos, principalmente através de redes *online* e querer ter amigos, muitos amigos, é uma das principais características da juventude hodierna. Certamente, isso não é apenas um detalhe, é fator relevante na vida juvenil, mas existem outras características próprias desta geração que se sobressaem como a capacidade de criar, de reinventar e de colocar os próprios dons a serviço da vida. Basta que estejamos todos em sintonia com os princípios do Evangelho e inspirados no Espírito de Jesus para que sejamos capazes de viver a cultura do santo abandono e da confiança recíprocas.

O principal fator da realidade digital no mundo juvenil é a formação de uma nova identidade, ou melhor, é a formação de novos conceitos dessa identidade já que:



Esses garotos são diferentes. Eles estudam, trabalham, escrevem e interagem um com o outro de maneiras diferentes das suas quando você era da idade deles. Eles leem blogs em vez de jornais. Com frequência se conhecem online antes de se conhecerem pessoalmente. [...]. Eles obtêm suas músicas online – com frequência de graça, ilegalmente – em vez de comprá-las em lojas de discos. Mais provavelmente enviam uma Mensagem Instantânea em vez de pegarem o telefone para marcar um encontro mais tarde, à noite. Adotam e se relacionam com Neopets virtuais, em vez de com bichinhos de verdade. Conectam-se entre si através de uma cultura comum. Os principais aspectos de suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias digitais. E não conheceram nenhum modo de vida diferente (PALFREY; GASSER, 2011, p. 12).

Se queremos apenas instruir estes jovens, já erraremos desde o início, mas se nos dermos conta da necessidade da interação para que os entendamos e sejamos ouvidos, certamente seremos assertivos. Isso é imprescindível e, um caminho plausível para que a mensagem revelada junto com a educação para o bem comum a ser forjada aí também seja partilhada e por eles acolhidas. Cabe, pois, a recepção recíproca de todas as forças de que o Espírito de Deus é capaz de nos dar para que sejamos capazes de viver uma vida plena de sentido juntos, inspirados nos ensinamentos do Evangelho nessa sinuosa tarefa de evangelizar, catequizar e educar. Entendemos que é assim que seremos compreendidos e poderemos não somente ser capazes da transmissão de conteúdos, mas muito superior e necessário é a capacidade mútua da partilha de fé. Desse modo compreendemos que, certamente haverá melhor qualidade de aprendizagem em todos os lados.

Uma mudança radical que toca a catequese e a formação humana integral é o próprio modo de entendê-las. Diversos meios eclesiais nos levam a compreendê-las não como uma atividade em que se transmite unicamente os conteúdos, mas em primeiro lugar como um ato relacional e comunicativo. Disso, deduzimos que todos os cristãos são chamados a viver um modelo de catequese que não seja apenas de transmitir uma bagagem de conhecimento, mas a favorecer a comunhão da pessoa com Jesus Cristo, com os demais irmãos e com todos os seres da criação. A sua função principal é “a de colocar qualquer um não só em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo” (DGC, n. 80). Essa intimidade se faz, de modo privilegiado por meio do respeito mútuo, da admiração, da ajuda fraterna, pois é na fraternidade, caridade e fé, que reside e se efetiva a mais perfeita experiência e transmissão da fé.



Esta era digital que nos coube viver nos obriga a repensar a comunicação em chave de interação, de partilha e de participação igualitárias. Para tanto, é bom recordar que somente o modo de transmissão da fé é que se pode alterar, sem que a sua essência mude, pois a essência da mensagem cristã está na defesa da vida plena para todos (cf. Jo 10,10).

Atualmente, parece que passamos por um estágio de vivência na simplicidade original do cristianismo para um estado de letargia na forma eclesiológica de celebrar os sacramentos. Isso, muitas vezes é nítido nos tempos de solenidades nos quais as criatividades selvagens exibidas à exaustão nas mídias digitais para serem chamados à atenção, ao invés de deixar a liturgia falar por si mesma, a ofusca. Isso porque parece que ter um *status quo* vale mais do que ter fé e confiança em Deus. Em face disso é preciso que sejamos realmente engajados numa comunidade de fé na qual aprendemos a mensagem do Evangelho e nos esforcemos para colocar em prática a sua realização. É nesse sentido que reafirmamos a grandeza dos ensinamentos do Papa Francisco que nos possibilita um alargamento da concepção de catequese e de catequista. Estes saem do espaço formal de preparação dos sacramentos, para testemunharem uma vida inserida no cuidado da Casa Comum. Dado que desse testemunho todos nós vivemos e dele necessitamos como comunidade dos humanos, sob a condição de uma continuidade da vida na terra. Trata-se de uma vocação e responsabilidades humanas para que a vida de todos seja possível.

E já é isso o princípio de uma *práxis* e a efetivação da possibilidade da construção de uma fraternidade universal que realmente aconteça fora do papel. Nisso consiste, de forma pura e genuína, o desafio da compreensão do verdadeiro papel do ministério do catequista que agora é uma advertência ou um chamado para uma maior gama de batizados.

Recentemente, com o novo *Motu proprio Antiquum Ministerium*, o Papa Francisco instituiu o ministério de catequista. Com este documento foi possível identificar alguns elementos que destacam a ministerialidade da Igreja vislumbrando uma comunicação da fé que seja crível e adequada ao nosso tempo.

Enfatizamos que o Santo Padre está em sintonia com o Concílio Vaticano II no reconhecimento da vocação batismal dos cristãos leigos e leigas. Ele apresenta um modelo eclesial que reconhece os inúmeros homens e mulheres, cristãos leigos e leigas que servem na Igreja, por vocação, através do ministério de catequista. Enfatizamos que ser catequista para os tempos hodiernos constitui um grande privilégio e uma grande



vocação além de grave responsabilidade no processo de colaboração na construção do Reino de Deus.

Ao tomarmos consciência do alcance deste ministério que é tão antigo e que agora ganha uma nova coloração, certamente os cristãos de missas dominicais serão provocados a saírem do anonimato e a se engajarem na sua vocação nata de evangelizadores. Talvez sejamos lentos para compreendermos isso e podemos correr o risco de não colocarmos em prática, no tempo desejado, tamanha responsabilidade proposta por Francisco, pois que é duplamente cômodo o modo que está acontecendo atualmente.

A nova realidade nos mostra que os padres falam pela metade nas missas, os católicos escutam pela metade e o mundo continua tal e qual. É cômodo ao padre que não precisa se dedicar mais com uma forma de envolver a todos, assim como também não incomoda o fiel que apenas quer a hóstia dominical sem ser perturbado. Há até alguns cristãos que cada domingo escolhem uma igreja como se fosse um momento de fazer turismo. Preferem assim para viverem no anonimato e não se comprometerem com a comunidade. Não foram alertados ainda sobre a importância e a riqueza de se terem uma comunidade de fé, um conselheiro espiritual. Por isso vão cada domingo numa missa, assim não conhecem os desafios das comunidades e nem se dão a conhecer. No máximo compram um bilhete no sorteio da comunidade, quando tem, pois, pensam: “a Igreja é rica”. Aqui, citamos apenas alguns exemplos.

Enfim, os desafios de falar de Deus hoje, de modo claro, utilizando uma linguagem e uma imagem de Deus que sejam inteligíveis e façam justiça ao trabalho de Jesus de Nazaré ao se encarnar na criação, fazendo dessa um sacrário, se encontram em pleno movimento. E é assim que Ele, Jesus de Nazaré, do pedido de acolhida na humanidade mediante o Anjo Gabriel a Maria Santíssima, perpassa para os desafios da hospitalidade aos seres humanos da contemporaneidade, a perambular pelo mundo hoje que perdeu de vista o horizonte de Deus.

4 Do pedido de acolhida à alegria da hospitalidade

Em tempos sombrios, as pessoas clamam por autenticidade em todos as esferas sociais e eclesiais, principalmente no tocante à acolhida. “A autenticidade da acolhida vai auferir qualidade ao encontro com o outro, com o desconhecido, e o encontro não só é possível, como também é uma



autêntica necessidade para o crescimento humano recíproco” (CONCEIÇÃO; NOBRE, 2021, p. 113). Desta acolhida, passa-se à hospitalidade.

Em uma agradável visita ao Bispo de Itapeva, Dom Arnaldo Cavaleiro Neto, soubemos da sua atitude em deixar a residência episcopal aos idosos do Lar São Vicente para atender a uma demanda urgente causada pela pandemia. Ao pedirmos que nos escrevesse relatando o acontecido, ele prontamente nos atendeu e nos surpreendeu com a reflexão desenvolvida, demonstrando que sua atitude não é uma ação isolada, mas inserida em um contexto histórico que forma o Reino de Deus. Vamos apresentar o relato do Bispo em sua integralidade:

A hospitalidade é um dom reconhecido e valorizado em praticamente todas as religiões e culturas. É um gesto acima de tudo humanitário. Existem diversas passagens bíblicas que atestam a importância dela na tradição judaico-cristã: No Antigo Testamento, quem não se recorda do gesto de acolhida de Abraão e Sara, junto ao carvalho de Mambré, quando receberam na casa deles três anjos do Senhor? Ou quando Elias instalou-se na casa da viúva de Sarepta, naquela cena comovente em que aquela pobre mulher ofereceu o seu último pedaço de pão ao profeta transeunte? E o que dizer daquele gesto do Bom Samaritano, que movido pela compaixão, providenciou todos os cuidados necessários para aquele judeu desfalecido à margem do caminho? Zaqueu, Marta e Maria, Lídia, Cornélio...são nomes até hoje lembrados em nossas comunidades pelo simples gesto de acolher.

Há muitos anos deixei a casa de meus pais por ter respondido ao chamado do Senhor para segui-lo como ministro ordenado. Desde então, morei em diferentes lugares e conheci muita gente: Vivi em cidades grandes e pequenas; no centro e na periferia; no Brasil e no exterior. Não tenho dúvidas de que a itinerância é uma dimensão constitutiva da vocação de todo discípulo(a)-missionário(a). E nessas andanças, fui aprendendo com os irmãos e irmãs de fé e de caminhada o significado e a importância da hospitalidade na vida cristã.

Nessa pandemia, Deus concedeu-me a graça de acolher em minha própria casa alguns idosos do Lar Vicentino desta cidade de Itapeva. Moro numa casa grande e bonita, preparada não somente para ser a residência do bispo, mas também para acolher pessoas. No início do mês de abril de 2020, a diretoria do Lar estava procurando um lugar para alojar os idosos em quarentena. Todo o residente que apresentasse sintomas suspeitos da COVID-19 ou que obtivesse alta após uma internação hospitalar, deveria permanecer num local distante do Lar por um período de duas semanas. Ao tomar conhecimento disso, não hesitei em oferecer as chaves da casa episcopal para esse fim. Mudei-me para a casa



da Paróquia São Roque, onde desfrutei da hospitalidade e do convívio fraterno do Pe. João Kleber por quatro meses. E no final daquele mesmo ano, quando infelizmente o coronavírus bateu à porta do Lar Vicentino, disponibilizei novamente a minha residência para esse mesmo fim. Não sei o número exato de pessoas que viveram temporariamente sob o meu teto, mas sei que foram muitas. Posso dizer, com toda a certeza, que esses foram os hóspedes mais ilustres que foram recebidos em minha residência. Diz a regra de São Bento que todo o hóspede deve ser acolhido no mosteiro como se fosse o próprio Jesus. Não tenho dúvida alguma de que o Senhor visitou a minha casa!

Para terminar, quero dizer que esse meu pequeno gesto não é nada se comparado à hospitalidade que, todos os dias e por anos a fio, a diretoria e os colaboradores do Lar Vicentino oferecem aos idosos que lá vivem. Impressionante foi o testemunho de amor, fortaleza e dedicação quando a COVID-19 adentrou naquela casa, contaminando um considerável número de residentes e vitimando 17 deles. Mais do que um lar de idosos, aquele lugar é uma verdadeira escola de acolhimento e hospitalidade: um espaço sagrado e abençoado de nossa cidade onde todos podem encontrar a verdadeira alegria do evangelho! (Mimeografado).

Assim, entendemos que a incidência e o impacto do relato acima nos possibilitam o encaminhamento do presente texto para as considerações finais, dado que o testemunho gritante dele nos possibilita uma genuína ilustração de como a Igreja poderá ganhar maior relevância do contexto pandêmico e de crises da atualidade, ao paradigma pastoral e catequético que as novas gerações tanto necessitam, reconhecem e valorizam. A hospitalidade, como vimos, é algo concreto, não apenas uma ideia. Ela se torna um ponto referencial à medida que se acolhe como sinal de realização do seu dever sagrado de imitar a Jesus de Nazaré.

Considerações finais

Como foi constatado inicialmente, vivemos em tempos sombrios, e sabemos que a história conhece muito destes tempos, se tornando mestra para a humanidade. Mesmo com os tempos sombrios atuais, contamos com o agravamento da falta de consideração de grande parte do poder público pelos interesses vitais do povo. Diante disso, qualquer ação evangelizadora deve levar em consideração o bem do povo para, então, formar discípulos cuidadores da Casa Comum e iniciadores responsáveis de processos de crescimento humano, apontando o caminho da Boa Notícia. Dessa forma, percorremos um itinerário de reflexão que



desembocou na conclusão de que a interação humana e religiosa supera o passo inicial da instrução catequética. Para a efetivação de uma boa catequese e formação humana para o bem comum, há uma reivindicação da viva relação que perpassam as dimensões teóricas, práticas e de testemunhos genuínos.

Sendo assim, entendemos que somente com o verdadeiro gesto da hospitalidade, de acolhida e de mútua ajuda entre as gerações é que o Evangelho se tornará carne e os seres humanos se realizam na sua máxima medida. Foi isso que ensinou e viveu Jesus de Nazaré e qualquer paradigma pastoral que fuja do seu modo de viver, deixa de ser catequético, formador. Somente assim os ambientes catequéticos e educacionais extrapolam o mero espaço geográfico e se tornam lares, de modo que todos se sintam unidos no objetivo de uma vida feliz para todos. É a partir de então, que, “sem olhar a vínculos utilitaristas ou funcionais, unidos de modo a sentir a vida um pouco mais humana” (ChV, n. 217), que se darão uma verdadeira mudança de paradigma pastoral, catequético, formador para o bem comum. Assim, nesses espaços educativos e evangelizadores a profecia é altamente reivindicada e eles se tornam, fonte de alimento salutar e comprometedor, de modo em que todos aí formados, possam interagir como protagonistas do Reino.

Referências

ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

BENTO XVI. *Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*, 2011. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day.html. Acesso em: 10 jun. 2021.

BENTO XVI. *Silêncio e palavra: caminho de evangelização*, 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20120124_46th-world-communications-day.html. Acesso em: 10 jun. 2021.

BIEMMI, Enzo; BIANCARDI, Giuseppe (org.). *Linguaggio e linguaggi nella catechesi. Atti del Congresso dell'Équipe Europea di Catechesi* (Malta, 30 maggio - 4 giugno 2012). Leumann (TO): Elledici, 2013.



CONCEIÇÃO, Elizeu; NOBRE, José Aguiar (org.). *A “Cura” da casa comum. Ano especial da Laudato Si’ e os desafios a partir do Sínodo para a Amazônia*. São Paulo: Paulus, 2020.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. (DGC) *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2001.

FRANCISCO. (EG) *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. A Alegria do Evangelho. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO. (MV) *Misericordiae Vultus. O rosto da misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. (ChV) *Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. *Antiquum Ministerium*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

FRANCISCO. Mensagem para o dia mundial dos avós e dos idosos. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-06/mensagem-papa-francisco-avos-idosos-2021.html>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MIDALI, Mario. *Segni dei tempi*. In: MIDALI, Mario; TONELLI, Riccardo. *Dizionario di Pastorale giovanile*. Leumann (Torino): EDITRICE ELLE DI CI, 1992.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Era Digital. Entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SIBOLDI, Rosangela. *Influsso dei nuovi media sui processi di conversione pastorale*. In: PASTORE, Corrado; ROMANO, Antonio. *La catechesi dei giovani e i new media. Nel contesto del cambio di paradigma antropologico-culturale*. Torino: Elledici, 2015.